

Heloísa diz com quantas cores se faz arte erudita e popular



Na multiplicidade de formas, Heloísa Juaçaba é desbravadora de outros caminhos culturais, vivendo a arte em toda sua plenitude.

A mão que pintou Heloísa Ferreira Juaçaba estava naqueles dias de profunda inspiração. Era 1o de abril de 1926 e o criador deu-lhe a missão de reinventar a tonalidade humana. Nada muito difícil para quem nasceu sob o signo da sensibilidade artística e foi embalada nos braços das cores. O lápis preciso do destino entrou em ação. A aluna de 13 anos da Escola Normal Dom Pedro II se destacou nas aulas de Geografia pela destreza com que desenhava e coloria mapas. Sem intuir, ela já esboçava ali alguns dos países que, no futuro, lhe reconheceriam talento nato para as Artes plásticas.

O rascunho começou a virar obra de arte após casar-se com o médico Haroldo Juaçaba. Enquanto esperava o marido chegar do trabalho, Heloísa desenhava horas a fio. Até que Haroldo descobriu no “passatempo” da esposa qualidades incomuns aos simples amadores. Não deu tempo ao tempo. No dia seguinte estava a lhe presentear com tintas, pincéis e cavaletes. Foi o bastante para que Heloísa viesse a se matricular na Sociedade Cearense de Artes Plásticas (SCAP). Era 1950 e ali a artista lapidou o dom, sob o testemunho dos mestres do quilate de João Maria Siqueira (desenho) e Floriano Teixeira (pintura).

A primeira exposição no Salão dos Novos de Fortaleza (1952) inaugurou por essas bandas o traço de quem descobriu com a vida que Arte não se aprende, apenas se aprimora. “Nós podemos ensinar técnicas. Mas a criação é muito forte dentro do artista pra qualquer professor transmitir isso”, ensina. Comprovando a tese, Heloísa incursionou pelo cubismo, expressionismo e impressionismo com a mesma naturalidade com que uniu erudito e popular. Nas telas da artista, simples punhos de rede podem virar o jogo quando a Arte Erudita pensa reinar absoluta. Isso sem que ninguém reclame.

A paixão de Heloísa pela Arte Popular está retratada em cada cômodo de seu apartamento ou ainda nas mais de 800 peças que doou ao Museu de Arte Popular, do qual foi organizadora. “Fizemos o museu mais lindo do mundo!!!”, comemora, ao mesmo tempo que recorda a ousadia em desmontar uma jangada inteira, só para tê-la como peça em exposição no local. Heloísa é entusiasta ao ponto de considerar o artista popular mais importante que o erudito. E justifica: “A Arte Popular é uma das manifestações mais puras, mais verdadeiras de uma raça”. Inspirada, nomeia os ex-votos expressionistas na escultura, “porque eles transmitem na peça a doença que eles imaginam que têm, transmitem o que imaginam que sentem”.

Na vida cor-de-rosa da dama das artes plásticas, um capítulo dá o tom de neutralidade. Heloísa exerce uma atividade filantrópica em favor das vítimas cancerosas indigentes e vindas do interior do Estado. Ela é Presidente da Rede Feminina do Instituto do Câncer do Ceará, tendo como função básica e permanente o arrecadamento de doações provenientes de pessoas físicas e jurídicas. “Ah, meu Deus, a coisa pior no mundo é a gente pedir dinheiro aos outros, mas a gente bota a alma lá em cima e tem que fazer, né?”, questiona como se espírito de artista não fosse genuinamente altivo. Na conversa com os estudantes de Comunicação Social da UFC, Heloísa Juaçaba não deixa dúvidas sobre isso.

Entrevista com a artista plástica Heloísa Juaçaba, dia 23/06/94.

Produção:

Liana Farias e Marília Aguiar

Abertura:

Ethel de Paula

Redação, edição e texto final:

Cláudia Monteiro,

Francineide Martins

e Marília Aguiar

Participação:

Cláudia Monteiro,

Ethel de Paula,

Francineide Martins,

Liana Farias

e Marília Aguiar

Foto:

Arquivo Diário do Nordeste



A entrevista era para ter sido no dia 21 de junho, numa terça-feira à tarde, mas Heloisa pediu para adiarmos para quinta-feira.

É que aquele era um dos dias em que podia ficar a tarde conversando com seu marido, Dr. Haroldo Juaçaba, com quem é casada há 42 anos.

Na noite anterior, a equipe de produção ligou para confirmar a entrevista. Ela havia esperado o dia todo, pois pensava que a nossa conversa seria na quarta.

Entrevista -- *A gente quer pontuar essa entrevista em três momentos. No primeiro momento, a gente quer falar da artista em si, da formação artística, da sua contribuição no desenvolvimento das Artes no Ceará. No segundo momento, nós queremos aprofundar o seu envolvimento com a cultura popular. Falando especificamente da sua paixão, dos seus anseios, da suas pesquisas pela Arte Popular. E no terceiro momento, nós queremos abordar o seu trabalho humanitário a favor das vítimas do câncer.*

Heloisa Juaçaba -- Sim, eu sei.

Entrevista -- *Então, como ponto de partida, a gente queria assim a sua definição de Arte. O que é a Arte? Como a senhora vê a Arte no momento, no Ceará, no Brasil?*

Heloisa Juaçaba -- (pensativa) Arte, Arte mesmo... Por exemplo, a tendência da pessoa... eu acho que por exemplo, um artista... uma Arte... eu acho que as Artes Plásticas especialmente, eu acho é uma Arte quase impossível de ensinar, tá? Outras, por exemplo, como a música que entram instrumentos... é uma coisa muito mais erudita a música entrando... digamos como uma sinfonia... Então fica mais difícil. Mas as Artes Plásticas, eu acho que o artista tem que ser tão espontâneo... Eu acho que o artista pra ser verdadeiramente artista, ele já nasce artista. Ninguém pode transmitir... Ele tem que ser espontâneo. Quer dizer, ele tem que ser de uma maneira muito verdadeira, né? E eu acho que isso é que faz o artista. Não é o ensino. Nós podemos ensinar técnicas. Então, por isso que eu acho que Arte não se ensina. Nós podemos ensinar técnicas, por exemplo, a técnica da gravura, a técnica de construção de papel, de fazer uma tapeçaria, fazer outras maneiras de... outras manifestações... A técnica propriamente dita a gente pode ensinar, mas a criação é muito forte dentro do artista pra qualquer professor transmitir isso. Eu acho que é quase impossível.

Entrevista -- *Dona Heloisa, a gente sabe que o Floriano Teixeira (pintor maranhense) foi um dos seus professores, né? E antes disso? A senhora já se manifestava artisticamente?*

Heloisa Juaçaba -- Já. Eu comecei no fim da SCAP (Sociedade Cearense de Artes Plásticas), né? Em 1950 e pouco, quando a SCAP não tinha terminado, mas já tinha passado a primeira equipe do Bandeira (Antônio Bandeira), do Aldemir (Aldemir Martins)... Eu já não fui contemporânea deles. Foi logo depois um

pouquinho, né? E realmente, eu frequentei a SCAP muito, em dois pontos a SCAP teve que eu frequentei. E eu acho que a SCAP realmente... É interessante. É exatamente isso... Por exemplo, um modelo vivo. Um modelo vivo... nós estudávamos com um modelo vivo, né? Mas é em desenho. E o desenho eu considero como um esqueleto do corpo humano... É um desenho. Porque de tudo nós dependemos do desenho. Quer dizer, é um estudo básico. Então você tem que ter informação do desenho numa proporção. Isso daí a gente tem que ter. Agora a criação de um quadro, por exemplo, as cores, a sensibilidade... Isso daí é muito íntimo. É do coração da pessoa, do espírito mesmo. Agora essa parte...

Entrevista -- *Se antes da SCAP a senhora já se manifestava artisticamente.*

Heloisa Juaçaba -- Sim, da SCAP. Eu sempre gostei porque eu desenhava muito. Eu comecei a desenhar sabe o quê? (ri) Uma coisa interessante.

“... Eu acho que o artista tem que ser tão espontâneo... Eu acho que o artista pra ser verdadeiramente artista, ele já nasce artista.”

Na Escola Normal, que eu estudei... Naquele tempo era Escola Normal Dom Pedro II, hoje é Justiniano de Serpa. E então a professora de geografia, ela adorava fazer mapa. Ela tinha um livrinho... isso era a dona... como era o nome dela? M'esqueci. E então ela dizia assim: “Heloisa, outro dia eu vi na sua carteira um mapa muito bem feito, mas eu vou fazer um projeto de fazer um teto aqui, de toda a nossa sala -- que era uma sala que tinha lá na Escola Normal. Nós vamos fazer um teto todo de mapas. E é você que vai fazer.” (risos) E então já me deu tintas, me deu papel de cartolina branca, né? Então eu ficava desenhando aqueles mapas com o maior carinho, com o maior amor e realmente... Ela colou no teto, né? E todos os alunos da época viram. Não sei nem se ainda tá lá...

Entrevista -- *A senhora tinha quantos anos?*

Heloisa Juaçaba -- Era, por amor de Deus... Devia ser uns catorze anos, treze, não é? Treze anos...

Entrevista -- *Nesse tempo a senhora já sabia que ia trabalhar com desenho?*

Heloisa Juaçaba -- Não, não sabia. Apenas eu era uma menina estudante que tinha jeito pra mapa que nem... Depois então eu fui fazendo, em casa mesmo, algum trabalho. Mas com muita sinceridade, eu digo assim: quem realmente me deu um valor foi meu marido, Haroldo Juaçaba, porque um dia ele chegou -- eu sempre espero. Até hoje eu espero por ele. Faz 42 anos que eu tô casada com ele e faz 42 anos que eu espero por ele. (risos) Então, espero sempre por causa do horário de médico, né? E então esperava desenhando, né? Então um dia ele chegou e viu um desenho de uma figura assim -- eu tava com um material assim de lápis de cores bons que a minha irmã tinha trazido pra mim e eu tinha. “Mas Heloisa, eu não sabia que você desenhava e que você gostava de desenho. Por que que você não faz um curso de desenho?” Eu disse: “Ah, eu vou pensar nisso...” E etcetera. E quando foi no outro dia, ele chegou em casa a meio-dia com o Raimundo Vieira da Cunha, que foi da SCAP, médico e um dos fundadores da SCAP, que pouca gente fala nele. Mas ele foi um apaixonado pela SCAP: Raimundo Vieira da Cunha. E ele tinha pego o Raimundo, que era colega dele, médico, e foi aí numa... não sei qual foi o local, naquele tempo não tinha casa de desenho especializada. Foi numa livraria mesmo e comprou uma prancheta, comprou um cavalete, comprou as tintas, comprou pincel, uma série de coisas. Quando eu ouço é uma camionete descendo aquele... (risos) e eu digo: “Menino, o que será isso?” E o Haroldo disse assim: “Heloisa, isso tá qui. Isso é o seu atelier!” (risos) Ah, meu Deus do céu! “Eu tenho que fazer alguma coisa, né?” E me matriculei. Depois disso foi que eu me matriculei na SCAP. Porque aí eu tive de enfrentar o negócio, né? (risos) Então me matriculei na SCAP e nessa época era o João Maria Siqueira e o Floriano Teixeira ainda não tinha chegado do São Luís do Maranhão, porque o Floriano é de São Luís. É natural de São Luís. E então eu estudei assim o desenho ao vivo naquele tempo que era muito interessante porque a gente, os alunos pagavam e ficava um rapazinho -- o nome dele era até Paulo -- e ele então tirava a camisa e fazia umas poses aqui. O Siqueira mandava e, de todos os lados, então a gente ia fazendo aqueles desenhos, não é? Era muito interessante. Essa fase foi muito boa. E então eu fui continuando e depois o João Maria teve um problema de vista e se afastou, se afastou da

SCAP. E eu então continuei a trabalhar sozinha, né? Trabalhar sozinha e fazia os quadros etc.. Então quando foi um dia os Pamplonas -- eram três Pamplonas aqui. Era o Paulo Pamplona, era o Carlos Pamplona e o Eduardo Pamplona. Eram três. E eles então... um deles tava organizando o Salão de Abril (concurso de Artes Plásticas patrocinado pela Prefeitura Municipal), um dos primeiros Salões de Abril -- tá por aqui, naquele caderninho... Quem é que tem aquela coisa? (Heloisa se refere ao currículo impresso, que foi cedido à produção da *Entrevista*.) Eu vou pegar um aqui que eu tenho porque a data assim a gente não pode ser exata, né?

Entrevista -- Foi em 52. A primeira. (Heloisa foi premiada no Salão dos Novos em 52, um concurso também patrocinado pela Prefeitura Municipal paralelamente ao Salão de Abril.)

Heloisa Juaçaba -- O primeiro Salão de Abril foi em 52? (Na verdade, o 1º Salão de Abril foi em 43 e o primeiro com participação de Heloisa foi em 53.) Pois é. (Heloisa não recorre ao currículo.) Pois então, em 52, ele telefonou assim pra mim: "Olha, Heloisa, você sabe... eu soube que você tava aí desenhando e eu quero ver o que você tá desenhando porque nós vamos organizar o Salão de Abril e eu quero que você me traga alguns desenhos." E eu fiz uns desenhos e levei. E ele: "Ah, os prontos que você tem em casa eu quero. Traga tudo..." Mas eu não levei não. Só levei quatro. E no primeiro ano... (Heloisa insiste e sai para buscar o currículo. Depois volta.)

Entrevista -- A senhora tava falando do primeiro Salão de Abril que participou.

Heloisa Juaçaba -- Então foi um salão importantíssimo porque, como foi o primeiro, despertou assim uma curiosidade no povo. Porque aqui não... Você sabe como os pintores vendiam quadros? Inclusive o pai do Rubens de Azevedo, que hoje é um grande pintor, o Rubens... ele é desenhista exímio. Ele desenhava todos os trechos mais importantes da cidade de Fortaleza a bico de pena. É uma preciosidade. O pai dele, que era o... Eu digo o nome dele... (trata-se de Otacílio de Azevedo) E ele então fazia os quadros, botava em baixo do braço e ia vender no comércio, nas residências. Batia palma e vendia os quadros, entendeu? Então, quando um navio estrangeiro parava assim por acolá, assim distante...

Porque uma vez por outra um artista europeu pegava assim uns 80 quadros, 50, 80, e vinha vender aqui no Brasil. Entendeu? É tão interessante isso porque o seguinte: naquele tempo -- eu tenho um quadro dessa época. Eu tenho quadro porque herdei do meu pai. Não era casada ainda -- ele descia e pedia a uma casa de comércio... mostrava aquelas obras de arte e então dizia que era pra vender. E então todo mundo, toda a cidade comprou. Aqui tem muito quadro de artista europeu porque esse foi o princípio do desenvolvimento da sociedade para comprar quadros. Eles vinham do estrangeiro pra ter esses quadros.

Entrevista -- Mas os daqui ainda eram de porta em porta?

Heloisa Juaçaba -- Os daqui eram de porta em porta e eram poucos porque... Por exemplo, o... puxa vida, eu tô esquecida do pai do Rubens: Otacílio de Azevedo. Seu Otacílio. Seu Otacílio... muitas, muitas pessoas aqui no Ceará têm quadros do Seu Otacílio... todos vendendo assim. Ele

“Aqui tem muito quadro de artista europeu porque esse foi o princípio do desenvolvimento da sociedade para comprar quadros.”

não expunha. Não havia restrição naquela época. Agora, depois dessa exposição do primeiro Salão de Abril, então foi que ficou acontecendo anualmente, e então apareceu, depois de algum tempo, uma galeria pra vender alguns quadros dos artistas e os artistas foram se animando e não faltavam o Salão de Abril e assim foi se desenvolvendo... Mas eu acho que o Salão de Abril, ele teve uma importância muito grande no desenvolvimento de Artes Plásticas no Ceará... Acho que foi o principal assim, pra despertar... o despertar de Arte no Ceará.

Entrevista -- Dona Heloisa, parece que a senhora então foi uma das primeiras mulheres a entrar nesse meio artístico na época. Não foi?

Heloisa Juaçaba -- (Ri) Na época foi eu. Realmente foi eu, a senhora do Estrigas (nome artístico de Nilo Firmeza), que é a Maria Nice, e a Lúcia Galeno, que era sobrinha da Hen-

riqueta Galeno. Vocês sabem quem é Henriqueta Galeno, né? Que era uma escritora. Quer dizer, não era escritora. Ela vivia da obra do pai, né? Que era o Juvenal Galeno, que ainda hoje tem a casa, a Casa Juvenal Galeno. E então a Henriqueta, ela patrocinando... Às vezes ela fazia umas exposiçõeszinhas de pintura. Ela gostava de ajudar. O Raimundo Cela expôs lá os primeiros assim (quadros)... da vida dele, que ninguém conhecia. Era nessa época de poucas vendas, de pouco comércio de arte -- que naquele tempo não existia nem esse nome "comércio de arte", como hoje tem -- e então ela expunha lá. Na Juvenal Galeno. Ela também teve assim a sua importância, eu acho, na ajuda, para o conhecimento das artes plásticas.

Entrevista -- Foram sempre bem recebidas? Não houve preconceito?

Heloisa Juaçaba -- Não. Não. De maneira nenhuma. De maneira nenhuma. Depois foi aparecendo mais mulheres, mais, mais... Sempre, todo ano, aparecia duas, três, duas, três, e mais né?

Entrevista -- Mas a senhora foi uma das pioneiras não só expondo, como também desenvolvendo...

Heloisa Juaçaba -- Sim. Sei.

Entrevista -- ...promovendo a cultura no Estado, na capital.

Heloisa Juaçaba -- Promovendo. Sei. É. Continuou assim por algum tempo quando a SCAP terminou e então foi assim um período mais ou menos nublado, sabe? Apagado. Quando a SCAP acabou-se em 56. Ou foi em 62? Quando foi que ela terminou? Eu já nem me lembro. E então eu fui... O Virgílio Távora (ex-governador do Ceará), pra fazer justiça... A primeira idéia de uma Secretaria de Cultura quem teve foi o Virgílio Távora. Mas ele não fez, ele não chegou a realizar nada porque eu acho que o Virgílio não gostava muito das Artes. Porque nunca, ele não freqüentava mesmo, sabe? Ele não gostava. Ele achava que tinha que fazer a parte da cultura mas ele nunca recebeu os artistas, ele nunca... Quem fez, quem organizou, quem criou foi o César Cals de Oliveira (ex-senador do Ceará e ex-ministro de Minas e Energia). Ele criou a Secretaria de Cultura, que foi a primeira secretaria do Brasil: Secretaria de Cultura. Depois apareceu a Secretaria de Cultura em São Paulo, mas já depois de um ano. Aí o Ceará é pioneiro em muita coisa. Eu sou muito baírrista. (risos) Porque eu acho que o Ceará fez muita coisa.



Quando a equipe de produção conversava com Heloisa sobre os assuntos que poderiam ser abordados na entrevista, ela disse que haveria "coisa boa para recordar".

Heloisa revela ter grande paixão pela arte popular e adoraria falar sobre isso na entrevista - tema raramente explorado nos demais meios de comunicação de massa.

A entrevista ocorreu em seu apartamento na Praia de Iracema, no qual se ouvia o barulho das ondas, dez andares abaixo.



Logo na entrada no hall do edifício, encontram-se dois quadros doados por dona Heloisa ao condomínio. Um deles é da largura da parede.

Por exemplo, agora nós vamos ter o Centenário da Academia Cearense de Letras, né? E que nós fizemos antes, seis anos antes da do Rio de Janeiro, da Academia Brasileira de Letras. Quer dizer, os intelectuais que viajavam tanto à Europa, né, e que tinha tanta gente importante, e de valor, mesmo no século passado... e não fundavam essa escola, essa Academia Brasileira de Letras. E o Ceará fundou a Academia Cearense de Letras.

Entrevista -- *A gente gostaria até de discutir um pouco essa questão da política cultural no Ceará, mas primeiramente eu queria saber de onde vem o interesse da senhora em promover essa Arte, em vista que a senhora descobriu esse dom. Não é uma coisa que veio assim da família. A família toda parece que não trabalhava com Arte.*

Heloisa Juaçaba -- Em arte. É.

Entrevista -- *A senhora descobriu o dom. E de onde vem o interesse em não só desenvolver o seu trabalho como procurar que os outros desenvolvessem, tivessem espaço pra isso?*

Heloisa Juaçaba -- Sei.

Entrevista -- *De onde vem o seu interesse por isso?*

Heloisa Juaçaba -- Bem, veio o interesse partindo da SCAP. A SCAP foi na época da guerra, foi no fim da guerra, 49, foi na Segunda Grande Guerra, né? Então, logo depois da guerra que eu me casei, né? E nessa época eu freqüentei a SCAP, então aquilo ali ficou na minha cabeça. Enquanto a SCAP existia eu tava satisfeita lá porque a gente se encontrava uma vez por outra, fazíamos as exposições, fazíamos os Salões de Abril... E depois que a SCAP terminou foi que eu achei que ficou um vazio, né? E nesse vazio, foi algum tempo aí, foi numa época que eu tava muito ocupada porque eu tava tendo meus filhos, que são cinco, então eu tava muito ocupada. Realmente eu não podia trabalhar. Mas quando a última criancinha tinha dois anos ou três, então foi justamente em 67 que eu fundei, que foi fundada a Secretaria de Cultura e então eu fui convidada... e eu acho que eu vou fazer um dever de gratidão, porque eu acho que a minha permanência no Conselho Estadual de Cultura, eu acho que foi muito benéfica e teve muitos bons resultados para a minha formação cultural. Porque era um grupo dos maiores escritores da terra e eu no meio... me sentia até muito tímida no começo, não é? Mas o Doutor Raimundo Girão, era o Se-

cretário de Cultura, me dava muito valor e nós começamos a organizar justamente a Raimundo Cela (Casa de Cultura Raimundo Cela), tanto é que eu queria Centro de Artes Visuais. Então ele disse: "Dona Heloisa, vamos fazer homenagem a um grande pintor daqui, que foi o Raimundo Cela, porque nós temos a Casa Juvenal Galeno, temos a Casa..." Que mais? Eram alguns, né? Algumas casas que tinham nome de gente famosa. Ele disse assim: "Como não tem na pintura, a senhora devia fazer isso, aquilo..." Aí eu disse assim: "Bem, doutor Girão, tá certo. Eu penso mais modernamente, mas eu gostaria de, como eu tenho assim uma pessoa..." É porque é muito importante... Eu vou confessar aqui, vou voltar assim à minha infância porque um dos meus professores que eu tenho orgulho muito grande foi o doutor Filgueiras Lima. Ele era tão responsável, ele era tão apaixonado como professor... Ele achava importante uma pessoa formar uma geração de jovens... que ele se preocupava profundamente com

“... Eu achava que ensinar era a coisa mais difícil do mundo. A gente podia levar uma criatura do mal para o bem...”

isso e que alguém não tivesse uma má influência nem nada. E ele me passou... Eu fiquei muito preocupada, eu achava que ensinar era a coisa mais difícil do mundo. A gente podia levar uma criatura do mal para o bem se ela, conforme ela interpretasse a minha linha de pensamento, né? Quando eu terminei a Escola Normal, foi em 41, 40, em 1940 (afirmativa), ele disse assim... ele me convidou para trabalhar no Lourenço Filho (Colégio) e eu disse... Aí ele repetiu isso com muita graça sempre, depois até numa festa lá em casa que eu dei para um escritor que veio do Rio de Janeiro, e ele disse: "Porque eu tive uma aluna que é a dona dessa casa e isso aqui e aquilo outro -- porque eu tava recebendo os intelectuais -- e então eu convidei pra ela ser professora do meu colégio e ela virou-se pra mim e disse: 'Olha, doutor Filgueiras, eu prefiro aprender a vida todinha a ter que ensinar.'" Mas resultado do que ele me passou, sabe? Depois, não. Mais adiante da vida dele, eu disse:

"Doutor Filgueiras, eu nunca ensinei por causa do senhor." -- "Não diga isso, Heloisa! Foi isso mesmo?" -- "Foi sim senhor" (risos) Eu não ensino Arte e condeno assim o ensino das Artes. Por exemplo, um curso, por exemplo num atelier livre de pintura... Eu freqüentei um atelier livre de pintura em Paris, freqüentei no Rio de Janeiro, mas é uma coisa por exemplo: você fica olhando, não é um curso que você tenha, digamos, livros, você tenha, digamos, um roteiro pra... 'Eu vi um pintor pintar essa daí...' Eu acho que é muito importante a gente olhar um pintor fazendo seu quadro. Ele observa como é a técnica, então ele veio... ele se interessa muito.

Entrevista -- *Mas a inspiração a senhora acha que é nata. Que a pessoa...*

Heloisa Juaçaba -- É nata. Não se pode... Tanto é, meu amor, que eu vou lhe dizer uma coisa: eu tive de viajar muito com o Haroldo porque ele estuda muito e eu ia muito a Paris. E numa das vezes eu disse assim pro Bandeira (Antônio Bandeira), eu andava muito com ele. Ele já tava morando lá. Eu disse: "Bandeira, eu queria ir à Escola de Belas Artes de Paris porque os meninos, quando eu chego, os meninos começam a perguntar: 'Dona Heloisa, como é... Onde é que fica? Como é que são as salas? Como é isso? Como é que funcionam os cursos?'" E eu disse assim: "Eu vou dizer a vocês uma coisa: o que eu sinto, eu mesma, particularmente, foi simplesmente o que o Bandeira sentia..." O Bandeira então virou-se pra mim e disse assim: "Olhe, Heloisinha, eu lhe levo em todos os lugares, menos na Escola de Belas Artes porque na Escola de Belas Artes o aluno passa nove anos estudando. Ele pode sair um técnico, mas não sai um artista. Faz 50 anos que a Escola Nacional de Paris não dá um artista de fama." E é verdade. Você não vê os artistas dizerem: "Eu freqüentei a Escola Nacional de Paris. Eu freqüentei a Escola Nacional de Bruxelas. Eu freqüentei a Escola Nacional..." Não. Porque os moldes são tão conservadores... Sabe como é? Por exemplo, no primeiro ano é o desenho assim... No segundo ano... até chegar no último ano, sempre com aquele objetivo de reproduzir o que ele está vendo. O que é o contrário hoje do ensino. O professor diz assim: "Bem, vocês vão fazer uma paisagem. Agora, imaginem essa paisagem." Então, deixa a pessoa criar ou então ir pra uma janela aí qualquer e ver... E não obrigar pes-

Aconchegante, o apartamento tem uma vista privilegiada do mar, que Heloisa Juaçaba não cansa de apreciar.

Decorado com raridades em esculturas, quadros e artesanato, afora algumas de suas próprias obras, o apartamento mais parece um museu de cultura.

soa a ver aquela peça pra poder reproduzir, né?

Entrevista -- É a espontaneidade.

Heloisa Juaçaba -- É o espontâneo e depois então, se tiver muito errado, aí o professor diz assim: "Olha, isso aqui tá errado, essa linha, porque essa linha aqui tem que passar por baixo dessa." E então, com essas pequenas orientações do professor, numa crítica que ele fazia de um desenho que a gente fizesse... Então, lá nessas escolas livres, que ainda hoje se chama assim, os ateliers livres de pintura... eu acho que é onde nós aprendemos mais, na Escola Livre de Pintura.

Entrevista -- *Dai então a sua preocupação em organizar exposições para que o artista, vendo aquilo ali, ele...*

Heloisa Juaçaba -- Foi. Bem, é assim...

Entrevista -- *Como é que se diz? A pessoa que tem interesse pela arte e desenvolva ali... e não, em nunca criar, em fundar uma escola de arte...*

Heloisa Juaçaba -- Pois é eu sempre fui contra. Ainda hoje sou. Ainda hoje sou. O (empresário) Airton Queiroz, ele que é meu sobrinho casado com minha sobrinha, disse: "Heloisa... num sei o que. Num sei o que..." Eu disse: "Não, Airton, você pode fundar, a universidade pode fundar uma Escola de Belas Artes." Mas só se for pelo fato de o diploma valer muito. Mas se o diploma às vezes não vale na mão de outras profissões, quanto mais na de Artes, que é a criação mais livre que pode existir no mundo são as Artes Plásticas, né? Nem a música. A música tem o seu ensino, tem o seu ritmo, não é? Tem os seus compassos que você não pode variar de maneira nenhuma. Você tem que, por exemplo, uma sinfônica (orquestra sinfônica): você tem que freqüentar ali meses pra poder se apresentar, né? Quer dizer, outras manifestações artísticas, por exemplo, o balé: o balé é um sacrifício no mundo. No balé você faz todo sacrifício pra poder fazer uma apresentação de uma bailarina e então ela, depois de um sacrifício enorme, de horas e horas e horas de sacrifício, então ela faz o balé dela. E só pode trabalhar vinte anos da vida porque, infelizmente, aos quarenta anos ela não tem a capacidade e a segurança e a firmeza de que tem uma pessoa jovem, né?

Entrevista -- *Então, dona Heloisa, foi por esse interesse em observar as manifestações naturais de cada um*

que a senhora começou a se interessar pela cultura popular?

Heloisa Juaçaba -- A cultura popular... é o seguinte: quando a gente começa assim... olhar, por exemplo, ler livros... Eu acho que pra mim a primeira lição que eu daria, por exemplo se eu fosse ensinar aqui a vocês, eu dava um livro pra cada um poder ler. Pra você ter um pouco de noção. Porque a Arte Popular, eu acho que é uma das manifestações mais puras, mais verdadeiras de uma raça, de uma nação que guarda todas as suas características. Então a Arte Popular é a mais, digamos, permanente. Porque o folclore, a dança folclórica modifica. Ela hoje já não é o que era há 15 anos atrás, entendeu? E vai modificando aos poucos a influência da música folclórica. Mas o folclore, a Arte Popular, que chamam Folk Lore, a Arte Povo... é Arte Povo, eu acho, porque ela permanece. Ela pode permanecer a vida toda, por centenas de anos, não é? E eu acho que ela não sofre influência de nenhuma cultura.

"Porque a Arte Popular, eu acho que é uma das manifestações mais puras, mais verdadeiras de uma raça, de uma nação que guarda todas as suas características."

É uma cultura pura. É a verdadeira, digamos, documentação de um setor daquela região que ele guarda sem nenhuma influência de nenhum professor. Então a Arte Popular é assim. Ela pode ser... (pensativa) Realmente, eu acho que ela é uma arte que eu dou o maior valor. Eu acho mais importante, eu vou lhe dizer com muita sinceridade: é mais importante o artista popular que um artista erudito. Porque um artista erudito é esse que passa por Escola de Belas Artes, que viaja muito, que viajou o mundo todo. Isso e aquilo outro. Que viu muita coisa. Tá certo que isso daí tudo enriquece culturalmente a pessoa, mas não desperta aquela força criativa, aquela verdade que ele tem. Ele não vai buscar a inspiração dele, digamos, nas Artes que ele vê na Europa. Ele fica aqui, o artista popular brasileiro. Ele guarda uma verdade da sua região e eu acho isso muito importante.

Entrevista -- *O que a senhora tem a oferecer em termos de Arte Popular? Onde é que se localizam os pontos de efervescência artística?*

Heloisa Juaçaba -- Eu acho o Ceará interessantíssimo porque ele é tão rico na Arte Popular, tão rico que, por exemplo, na área de Sobral (interior do Estado): na área de Sobral tem muitas palmeiras. Tem uma palmeira que dá um fio que é um cadarço, direitinho um cadarço, e eles fazem esses chapéus tão perfeitos, como o chapéu do Panamá que você vê na Itália, depois de aprender anos e anos a fazer aquele trançado. Eles fazem aquilo na maior perfeição que vai daqui de Sobral *diretim* pra Itália. E lá eles usam como se fosse um chapéu italiano e ninguém, poucas pessoas notam. Poucos artistas, só os verdadeiros mestres, aqueles que vão atrás daquela maneira do trançado, da qualidade que é o do cipó... entendeu? Então é que vai. E tem cestarias, né? E muita coisa bonita que eles fazem, fazem até cortina de cipó. Fazem objetos utilitários, muita coisa bonita, muita cestaria linda... E já o lado de Juazeiro (Juazeiro do Norte, no interior do Ceará) é riquíssimo porque eles fazem também muita Arte Popular de barro, e de madeira também eu já vi. Tem muito artista bom. Por exemplo, o principal deles foi o Mestre Noza, né? O Mestre Noza foi o mestre dos mestres -- eu tenho até um Mestre Noza aí -- e o Mestre Noza foi quem começou em Juazeiro, no começo do século -- que ele morreu há uns oito anos. Ele começou a fazer o Padre Cícero (líder religioso e político da região Sul do Ceará, com influência em outros estados nordestinos durante as décadas de 10 a 30) em madeira, sabe? E todos os outros que estavam ali, ao redor dele, aqueles menininhos, aqueles artistas pequenos, que eles nem sabem que têm essas tendências, né? Mas quando vêem um fazer então eles vão imitar e descobrem toda a sua arte ali, né? Então eles começavam a fazer. Hoje são centenas de garotos que fazem o Padre Cícero Romão Batista, especialmente na época da festa, e que ganham dinheiro por muito tempo fazendo o Padre Cícero de madeira, né? Eles mesmos fazendo os instrumentos. Pegam um canivete velho, uma faca velha e eles mesmo fazem, fazem, fazem o próprio instrumento de trabalho porque eles não têm condições de comprar, né? E então eles fazem isso.

Entrevista -- *Mas isso é técnica ou é arte?*

Heloisa Juaçaba -- Eles fazerem isso?



Uma de suas maiores decepções foi não ter podido levar para seu apartamento uma santa esculpida em madeira, de quase quatro metros de altura.

Quando os gravadores foram ligados para o início da entrevista, Heloisa se assustou e quis saber se não teríamos que combinar as perguntas anteriormente.

Vaidosa, Heloisa Juaçaba estava vestida elegantemente e maquiada, apesar de estar em sua própria casa.



Falando pausadamente, procurando se lembrar de nomes e datas, Heloísa conversou conosco como se já nos conhecesse há muito tempo.

Heloísa Juaçaba nasceu na serra de Guarariranga, que serviria mais tarde de fonte de inspiração para sua arte.

Antes de iniciar-se nas artes, Heloísa concluiu os estudos na Escola Normal Justiniano de Serpa e recebe o diploma de professora primária.

Entrevista -- É.

Heloísa Juaçaba -- Eu acho uma arte maravilhosa! Eles fazem por exemplo aquelas garrafas todinhas... É porque eu não tenho tempo de mostrar pra vocês, mas eu tenho umas coisas guardadas... Por exemplo, nas moringas (garrafão de barro para água)... Você sabe o que é uma moringa? Sabe como é que elas fazem depois de pronta a moringa? Elas põem espiga de milho. Porque depois que a gente come milho, não fica a espiga? Então a espiga de milho elas guardam bem essa espiga de milho. Eu perguntava pra que era. "Ah, Dona Heloísa, é pra fazer o amassamento." Esse amassamento é o amassamento -- ninguém entende esse nome, né? -- é o "alisamento", que elas não sabem dizer, do barro úmido quando ele tá querendo ficar enxuto. Então elas passam e ela fica assim entre lisa e rugosa, um pouquinho. Mas nem uma coisa nem outra. É esse "alisamento" que elas chamam, sabe? E então fazem com espiga de milho. Quer dizer, tudo é um aproveitamento de tudo que existe, não é?

Entrevista -- Dona Heloísa, e esse interesse da senhora por exemplo, esse seu trabalho mais recente: Relevos, não é isso? A senhora utiliza exatamente esse material...

Heloísa Juaçaba -- Pois é. Eu utilizo esse material...

Entrevista -- ...punhos de rede e tudo. Mas esse interesse da senhora pela Cultura Popular e pela Arte Popular... notadamente o seu trabalho de artista plástica erudita, ele chegou agora? Ou já é de bastante tempo que a senhora...

Heloísa Juaçaba -- Não. É de bastante tempo. Olhe, basta lhe dizer que quando eu fundei a Casa de Cultura Raimundo Cela, em 1967, eu tinha, sabe, 1300 peças de Arte Popular na minha casa. Eu tinha um atelier grande, porque eu morava numa casa muito grande, e então eu tinha 1300 peças. Não só daqui. Eu tinha do Rio Grande do Norte. Tinha do Recife (PE), que era o Vitalino, né? O Vitalino era um pintor que ficou famoso... Ele fazia um touro belíssimo e ele ficou famoso mais por esse touro. Ele fazia todas as atividades que uma comunidade pode ter. Por exemplo, dentista, lavadeira, todos esses temas do cotidiano da vida comum do interior... Eles faziam aquilo em barro e o Vitalino se especializou em touro porque ele dava uma forma muito forte, muito bonita. E então os Condé, os irmãos Condé que eram pernambucanos, mas mo-

ravam no Rio de Janeiro, levavam aqueles touros pro Rio de Janeiro e, por amor de Deus (entusiasmada) os intelectuais, os escritores, todo mundo dava nota 10 e comprava, os meninos vendendo... Fizeram foi muito dinheiro com esse touro do Vitalino. Muito mesmo. E digo com sinceridade... eram os irmãos Condé do Recife. E então eles fizeram lá uma escola, como aqui tem a escola do Padre Cícero, lá é a mesma coisa. O Vitalino está para a Arte Popular do Recife como o Mestre Noza aqui para a Arte Popular do Juazeiro. Porque ele foi que começou.

Entrevista -- Então parece que a senhora viaja muito pelo interior...

Heloísa Juaçaba -- Viajo. Viajo muito. Eu não perdi essa... Hoje eu tô mais parada um pouco. A gente fica meio preguiçosa, né? Mas... então nessa época, depois de um ano do governo do César, já mais pro fim, do meio pro fim do ano... porque eu me

“O Artesanato Popular... a informação é adquirida, é aprendida. E a Arte Popular propriamente dita não se ensina.”

dava muito com o César Cals, ele me ouvia demais e era até meu contraparente porque o tio dele era casado com minha irmã, Norma Diogo. Ele é César Cals Diogo, Diogo Cals, né? Aquele que era filho do doutor César Cals que foi fundador da Maternidade César Cals, foi o pai dele. E então eu disse: "Olha, César, o seguinte: eu vou lhe propor... Eu quero fazer um Museu de Arte Popular aqui no Ceará. Eu lhe dou todo o acervo desse museu e você me dá as condições pra eu realizar acervo." Ele disse assim: "Como, Dona Heloísa?" Eu digo: "Você me dá uma sala, uma sala conveniente, porque construir, eu sei que não pode -- porque foi numa fase lá difícil --, mas aqui tem muita sala, tem muita casa que eu posso procurar." E então ele tinha feito a EMCETUR (atualmente Centro de Turismo), e um dia eu visitando a EMCETUR com ele -- porque eu fui uma das que ajudou muito na EMCETUR, sabe? Dei muita orientação lá. E então eu disse assim... E vou lhe dizer outra coisa

também: o César Cals foi a pessoa que aproveitou a cadeia pública primeira no Brasil pra fazer um museu ou então transformar num ambiente de artesões. Que ali tudo é artesanato, né? Tudo é artesanato. Você vê que tudo, todos ali fazem ou é blusa, ou bordado, ou isso, aquilo e aquilo outro. Isso tudo é uma beleza. Eu acho essa manifestação artística... tem um valor extraordinário. Porque sem aprender, sem nada... tem aqueles pontos de cruz, tem aqueles pontos que eu não sei nem dizer o nome dos pontos todos porque essa área não era minha propriamente, né? E o César disse assim: "Mas realmente, Heloísa, é uma maravilha... Vamos transformar a cadeia." E então sei que ele, em pouco tempo, em dois meses o César tinha resolvido e já não tinha mais um preso dentro daquela cadeia. Em dois meses. Aí começou a reforma, as reformas, e eu disse: "César, isso daqui é que dava um Museu de Arte Popular, a parte de cima..." Porque era um salão enorme... Disse: "Dona Heloísa, pois então fica tudo completo. Porque fica a Arte Popular de artistas mesmo, de artigos em barro, manuais, e fica então o artesanato." (pausa) Que é mesmo... Tem um pouco de diferença entre Arte Popular e o Artesanato Popular. Porque o Artesanato Popular -- é muito importante vocês guardarem isso. O Artesanato Popular... a informação é adquirida, é aprendida. E a Arte Popular propriamente dita não se ensina. É como um grande artista, um grande pintor, né? Como o Aldemir Martins. Ninguém ensinou o Aldemir Martins a pintar e é um grande pintor. E então o artista, a Arte Popular propriamente dita é pura. Ela nasce sem nenhuma influência, sem ninguém ensinar, sem ninguém dar, assim, nada. E veja, tem outra diferença: a Arte Popular, sendo ela feita em madeira... É uma das características dela, por exemplo, é madeira, barro, são as principais, e até em pedra também, em osso, fazem Arte Popular em osso. Ela é muito mais...

Entrevista -- Autêntica?

Heloísa Juaçaba -- Não. Ela é mais permanente. Dura Mais. Tem mais durabilidade. Tem até, às vezes, uma durabilidade infinita. Eu tenho ex-votos aqui, de madeira, que têm uma data, que eles aliás não botam nada que... é uma coisa mais linda do mundo e é feita de madeira, né? Porque os ex-votos começaram a aparecer desde a Igreja de São Francisco, no Canindé (interior do Ceará), e lá do Padre Cícero Romão Batista, né? Eles faziam também aquelas fes-

tas, festas de cunho religioso, e eles faziam também os ex-votos, que eu acho da maior nobreza e da maior qualidade e da maior importância porque eles guardam aquilo. Eu vou mostrar a vocês. Eu tenho muita coisa guardada. Eu vou buscar ali pra vocês verem (ri) ou então nós vamos no meu atelier ou então depois eu mostro. Vocês me pedem e eu mostro, senão me esqueço.

Entrevista -- *E quanto ao museu, a senhora doou 800 peças. Foi isso?*

Heloisa Juaçaba -- Dei mais de 800 peças. Fomos a Juazeiro eu, o Henrique Barroso e o... quem foi mais? O Félix (Tarcísio Félix). E nós fomos e compramos lá mais alguma coisa que eu não tinha e fizemos o museu mais lindo do mundo. Ele ainda permanece lá. Ele permanece lá. Um crítico de Arte do Rio de Janeiro esteve aqui e disse assim (pensativa): "Puxa, dentro do Ceará, esse museu é o museu da verdade." Ele disse isso. Eu achei isso muito bonito, muito importante.

Entrevista -- *Mas além disso a senhora pretende também construir um outro museu, né? Formar um outro museu.*

Entrevista -- *É o seu sonho, a sua paixão.*

Heloisa Juaçaba -- É... (risinha) Eu tenho planos, né? De fazer um porque eu teria condições de fazer.. agora como é difícil aparecer um segundo César Cals no Ceará! (ri) Eu ponho minhas dúvidas nesse meu sonho. Porque, o César, o que eu dizia, era um dogma. Eu nunca via. Era uma coisa assim maravilhosa. O que devia ser feito ele fazia porque acreditava. Agora não. Agora, por exemplo, a Secretaria de Cultura (Secretaria da Cultura e Desporto do Estado do Ceará) acabou simplesmente com a organização das Artes Plásticas no Ceará. Porque o César Cals tinha me dado o Palácio da Luz (antiga sede do Governo Estadual, abriga atualmente a Academia Cearense de Letras) permanentemente pra Casa de Cultura Raimundo Cela. E quando a Violeta Arrais (ex-secretária, entre 1987 e 1990) teve aí, as pessoas, os escritores que estavam velhinhos e não podiam subir aquela escada que hoje é o museu... (Museu do Ceará) então eles insistiram porque... Aí eu saí porque ela não me chamou, ela não gostava de ninguém que tivesse sido do governo passado, entendeu? Do César Cals. Ela não gostava. Quer dizer, ela queria uma coisa toda dela. Partisse dela. Não tinha aproveitamento. O que é um erro muito grande na política é

porque uma coisa boa que se começa, não é... Eu vou só citar aqui duas coisas que deviam permanecer no Ceará e que infelizmente desapareceram porque os governos não têm capacidade, ou têm inveja de manter o que o governo passado fez. Por exemplo, o César, ele fazia assim: a Feira dos Municípios. Hoje existe a Feira dos Municípios? Eles traziam tudo. Traziam da rapadura, do filé, do bordado, do labirinto. Traziam tudo que se fazia de artesanato, de comida típica... tudo se tinha nessas feiras, por três dias. Tudo. Tudo. Era a coisa mais linda. Não sei se vocês foram. Pois bem. Aquilo ali era um museu vivo. Aquilo era um museu vivo pra informação! E toda a cidade de Fortaleza freqüentava aquela Feira dos Municípios! E todo mundo comprava! Era mel de abelha verdadeiro, não era aqui essas coisas que se compra em supermercado, que tudo é falso, esse negócio todo. Então tudo... Pois bem. Acabaram. A EXANOR, que era a Exposição de

“... Num mês desfizeram a Casa Raimundo Cela. Agora aonde botaram os quadros? (...) jogados aqui, outros acolá porque não tinha um local pra guardar.”

Artesanato do Nordeste, também acabaram. Por quê? Com inveja! Porque era uma criação fabulosa e não podia desaparecer e desapareceu. (inconformada) É isso aí que faz pena. É o espírito político de alguns políticos, né, porque alguns se salvam como o Ciro (Ciro Ferreira Gomes, atual Governador do Estado), que é realmente fora de série, não é? É tão fora de série que é conhecido pelo Brasil inteiro. E então é isso aí que eu digo: tudo se acaba porque não tem a permanência. Por exemplo, nas feiras populares que o César fazia, quando vinham as feiras do interior todas juntas, o que eu não tinha no museu eu dizia: "César, essa peça é importante pro museu e nós não temos essa peça, dessa região, aqui." Imediatamente ele reservava: "César Cals de Oliveira". Quando era com uma semana eu tava recebendo lá no museu. En-

tão são essas coisas assim que a gente não espera que chegue o segundo. (ri)

Entrevista -- *Atualmente a senhora acha que as Artes Plásticas vêm sendo negligenciadas por essa política?*

Heloisa Juaçaba -- Acho que sim. O anterior... (pensativa) como é o nome dele? (se referindo ao Secretário de Cultura) Paulo Linhares é o atual. O Augusto (Augusto Pontes). Apesar d'eu achar o Augusto inteligentíssimo, ele acabou com a Casa de Cultura Raimundo Cela. Simplesmente o Cláudio Martins (ex-presidente da Academia Cearense de Letras) é um homem que tem muita influência porque ele tem muitas funções, é intelectual, poeta, irmão do Antônio Martins Filho, que fundou a universidade (ex-reitor da UFC), essas coisas todas... O Cláudio pediu e o doutor Martins então pediu ao governador, o antigo que era o Tasso (Tasso Jereissati), né? E então disse: "Tasso... tudo... vamos?". E eu só sei que num mês desfizeram a Casa Raimundo Cela. Agora aonde botaram os quadros? Botaram os quadros jogados aqui, outros acolá porque não tinha um local pra guardar esses quadros. Quadros preciosos! Preciosos. Então tá hoje tudo assim... sabe como é? Eu acho que o artista, todo artista, a gente se sente assim sem um lugar, sabe? Pra ver... Você não vê. Você não pode. Não tem nem Museu de Arte.

Entrevista -- *O seu sonho seria construir um lugar como esse? Onde pudesse colocar tanto as suas obras como outras? A senhora inclusive adquiriu uma jangada, não foi isso?*

Heloisa Juaçaba -- Ah, foi. Desmanchei uma jangada inteira, como ela não subia (lá no prédio da antiga Emcetur), né? (risos) Não tinha jangada que subisse! (risos) Desmanchei a jangada todinha com dois jangadeiros, né? E ela subiu peça por peça. Eles armaram lá. Eu fiz um estrado de madeira com dez centímetros de areia do mar e botei a jangada linda como ela é...

Entrevista -- *Então essa jangada já tá em algum lugar?*

Heloisa Juaçaba -- Já está lá. Ainda está.

Entrevista -- *É a jangada da EMCETUR, né?*

Heloisa Juaçaba -- Pois é. Da EMCETUR. Agora...

Entrevista -- *Então a senhora pretenderia levar...*



O primeiro contato de Heloisa Juaçaba com as artes se deu através da música. O dom de desenhar foi descoberto por uma professora do primário, que a pediu para desenhar um mapa...

O marido, médico Haroldo Juaçaba, foi quem mais incentivou Heloisa a ingressar nas Artes Plásticas.

Costumava desenhar enquanto esperava por Haroldo que, como médico, não tinha horário previsto. Até hoje, espera e desenha.



Numa dessas ocasiões, Haroldo viu um de seus desenhos e, surpreso com seu talento, sugeriu que ela fizesse um curso para aprimorar o dom.

No dia seguinte, surpreendeu a esposa com uma prancheta, cavalete, tintas, telas... um atelier completo!

Mãe coruja, Heloisa fala com muito carinho e admiração de seus filhos, entre eles o médico Sérgio, que mora em sua antiga casa.

Heloisa Juaçaba

Heloisa Juaçaba -- Levar? Ah, eu levava tudo. Levava tudo. Porque ali... vou dizer uma coisa. Sobre os ex-votos, que eu acho de valor extraordinário, porque eles exprimem, são os expressionistas na escultura, entendeu? Porque eles transmitem na peça, na escultura, a doença que eles imaginam que têm, né? Então eles desenhavam o coração, ou uma doença no ouvido, botam uma inchação, botam uma coisa... Então eles transmitem o que eles imaginam que sentem, né? O que acha que sentem. Tem muita coisa interessante. São muito autênticos. Muito verdadeiros.

Entrevista -- *Dona Heloisa, a senhora tava falando aí a respeito dessa questão da Cultura Popular, da Arte Popular. Lamentou a extinção da EXANOR, a questão das feiras do municípios, que é deixada pra trás... E o Rosemberg Cariri, cineasta cearense, ele fez uma entrevista no primeiro número da revista e ele falou muito sobre essa questão da arte e da cultura popular no Ceará. Numa passagem da entrevista ele lembrou que o mestre Chico do Cedro, da banda Cabaçal, morreu de fome.*

Heloisa Juaçaba -- Meu Deus.

Entrevista -- *O Zê Gago, um dos maiores mestres do povo, morreu de fome. A dona Cícera do Barro Cru, que tem obras na Europa, no Museu do Louvre, morreu de fome. E ele perguntou então: "Que sociedade é essa?" O que a senhora acha? Que sociedade é essa que deixa a Cultura Popular, a Arte Popular morrer de fome?*

Heloisa Juaçaba -- Pois é. (pensativa) É gravíssimo. Aí entra uma questão política também porque o museu daqui... Quer dizer nós só podemos fazer um museu... um museu particular é difícil, a não ser que seja assim um colecionador particular, entendeu? Porque um museu propriamente não tem aqui. Uma coisa estranha... Eu esqueci o teu nome.

Entrevista -- *Ronaldo.*

Heloisa Juaçaba -- Ronaldo. Pois sim, Ronaldo, é uma coisa estranha, por exemplo, os políticos não dão valor às pessoas aqui que têm grande entendimento, e que têm grande capacidade e valor, pra orientação artística. Por exemplo, pra mim, uma das pessoas, um dos artistas mais inteligentes daqui, tanto ele é bom pintor, como ele escreve bem, e é um grande entendedor, é o Roberto Galvão. Simplesmente o secretário

tirou da Secretaria de Cultura, o Roberto Galvão. Então isso é uma demonstração de quê? Eu acho que afastam os valores do Estado, entendeu? Porque ele precisava ter uma informação, porque ele não tem a informação das pessoas, e esses secretários não ouvem a opinião de outras pessoas, né? Porque eu acho que um cargo desses precisava ter um especialista. É como por exemplo, você organiza uma Casa de Saúde, né? Você bota no setor de Cirurgia Cardíaca quem? Um clínico? Não pode, né? Você tem que botar um cardiologista. Então, cada um na sua especialidade. Então a Secretaria de Cultura, a pessoa que entendia mais de Arte, pra dar informação, e pra poder divulgar a Arte do Ceará, era o Roberto Galvão. É uma coisa horrível. E entraram outras pessoas que eu não conheço, não é que eu diga que eu precise conhecer todo mundo aí inteligente que entende de Arte, porque eu sei que tá continuando aí...

“A primeira pessoa que ajudou os cancerosos no Ceará foi dona Maria José Weyne. Dona Maria José Weyne era a mulher do prefeito Álvaro Weyne”.

E ele está agora fazendo, por orientação de um rapaz chamado... é o Solon (Solon Ribeiro). O Solon ocupou o lugar do Roberto Galvão. É também pintor. Ele tá levando a Arte para o interior. Que eu tinha feito isso já. No tempo do César eu levava. Eu levava até no meu carro, que não tinha camionete, não sei o quê. Então agora ele arrumou uma camionete, vai o Solon, vai um outro pintor e ele vai levando... me pediu três quadros. Pediu três quadros de uns quinze pintores daqui. E então fez um roteiro e tá fazendo uma excursão da Secretaria de Cultura no Ceará inteiro.

Entrevista -- *Estação das Artes.*

Heloisa Juaçaba -- É a Estação das Artes. A Estação das Artes. Eles agora estavam exatamente lá em Camocim (interior do Estado), mas já tinham passado por Sobral... E daí vão até Juazeiro e vem pelo outro lado até chegar aqui. Então ele tá

fazendo isso que é alguma coisa pra despertar porque é uma coisa incrível... Quando eu levava as Artes aos bairros da seguinte maneira: eu dizia bem... como é que eu vou confiar -- de qualquer maneira um artista não quer ver o seu quadro, mesmo que não seja uma obra prima, estragado, não é isso? E eu tinha muito cuidado com isso, eu dava muito valor a qualquer criação -- e então eu falava com a diretora dos grupos escolares. Eu fazia isso e era uma coisa obrigatória, porque, na hora dos recreios, os meninos todos se interessavam pela exposição e iam olhar. Quer dizer, eu tinha um público garantido, né? Do que uma coisa assim, vaga... A Estação das Artes não... porque a Estação das Artes tá acontecendo isso lá, porque tem lá um artista formado pelo Raimundo Cela. É Tarcísio Félix. E ele ensina lá Arte e dá uma orientação... Como eu acho que o Félix era muito... eu tinha muita afinidade com ele, ele dava uma orientação muito boa. E ele disse assim: “Dona Heloisa, eu quero que a senhora venha aqui, em Camocim, pra ver os artistas que tem. Como eles captam, como eles desenhavam, como eles criam...” E é muito importante isso. Então ele está por lá e tá fazendo um bem muito grande. Mas as crianças são tão despertadas quando eu levava os quadros. No dia que eu terminava -- que eu passava geralmente uma semana -- e o Félix ficava dando as explicações. E então os meninos perguntavam e ele disse assim... Eu vou servir uma coca-colazinha a vocês que vocês tão com sede! Margarida! (Chama a empregada) Ah... meu Deus do céu...

Entrevista -- *(risos) Não. Não precisa se incomodar não.*

Heloisa Juaçaba -- E então... O que era que eu tava dizendo a vocês? (Pausa) Era...

Entrevista -- *Dona Heloisa, a gente sabe que seu marido teve grande importância no seu despertar artístico, né? E foi ele também quem acabou levando a senhora a ajudar as vítimas de câncer de mama no Instituto de Câncer do Ceará, que ele preside, né? O Instituto do Câncer?*

Heloisa Juaçaba -- É. Ele é o presidente.

Entrevista -- *Como é que a senhora desenvolve esse trabalho? É um trabalho de angariar fundos ou é um trabalho de usar a Arte como terapia dos pacientes?*

Heloisa Juaçaba -- Não. O seguinte...

Entrevista -- A senhora podia começar por desde quando o doutor Haroldo chamou a senhora, ele apresentou o problema pra senhora e a senhora começou a se interessar pelo trabalho.

Heloísa Juaçaba -- Sim. Mas aí, amor, foi um pouquinho antes. Antes. A primeira pessoa que ajudou os cancerosos no Ceará foi dona Maria José Weyne. Dona Maria José Weyne era a mulher do prefeito Álvaro Weyne, né? Não sei se vocês se lembram dele. São crianças, não foram da época do Álvaro Weyne, mas o Álvaro Weyne foi um ótimo prefeito. Então - eu acho que ela tinha perdido a mãe com câncer -- só tinha aqui de hospital que tratava do câncer a Santa Casa de Misericórdia, sabe? E então o Haroldo trabalhava na Santa Casa porque todos os médicos que trabalham lá, eles operam de graça. Sempre. Todos. E então, ele disse assim: "Heloísa, a dona Maria José tá cansada e eu achava que você podia ajudar a dona Maria José. E então eu e outras senhoras de médicos, nós nos reunimos e fomos na casa da dona Maria José e ela ficou maravilhada e achou uma beleza como era que a gente tinha tido essa idéia, isso aquilo e aquilo outro. E nós começamos a ajudar a dona Maria José Weyne. Então, a gente fazia umas festinhas, essas coisas assim. Aquelas senhoras que jogavam, que eu não sei jogar baralho de jeito nenhum, mas elas tinham um baralho, não sei que, que sobrava um dinheirinho e a gente ia juntando, aí comprava... Num mês comprava dez lençóis, no outro mês dez travesseiros, depois remédios e camisolas, roupas assim. Essas coisas todas, a gente ia fazendo isso. E isso eu fiz uns... nós trabalhamos pra Santa Casa de Misericórdia uns oito anos, certo? Tudo o que nós angariávamos, nós dávamos à dona Maria José e ela mesma que comprava e dava para a enfermaria. Essa enfermaria foi dada à Santa Casa pelo Fernando Pinto. Fernando de Alencar Pinto. Então não tinham os aparelhos para tratar dos cancerosos, entendeu? Porque são coisas muito especiais. E ele deu condições aos médicos pra mandar comprar esse aparelhos e tipo de raio-X, raio infravermelho, raio... essas coisas todas, pra poder dar à Santa Casa para a enfermaria do câncer. E então, quer dizer, eu trabalho com câncer há muito tempo. Então, quando foi... o Haroldo era muito amigo do Waldemar. E o Waldemar Alcântara era muito político e vivia fora. Foi deputado, foi

senador. Foi senador, não. Foi deputado Federal. Foi deputado aqui, foi deputado fora (foi também governador do Estado em 1978). E ele disse assim: "Não, Haroldo, você é a pessoa. Meu maior amigo. Você tem que ficar me substituindo. Enquanto eu saio, você me substitui no Instituto do Câncer, né? Você é meu vice-presidente." Aí quando foi um dia o Haroldo assumiu e ficou. Quando ele tomou pé e viu que a situação era gravíssima, ele então realmente... Eu acho assim o Haroldo extraordinário. Porque ele tem muito valor. Porque ele fez muita coisa pela Medicina no Ceará. Além do próprio valor pessoal dele, sabe? Então ele conseguiu com amigos, com entidades, com não sei o quê, os aparelhos mais caros. Vocês não podem imaginar o quanto custa um aparelho de câncer, sabe? Têm megaton 12, bomba de cobalto, cobalto 14, mas é tanta coisa de profundo, sabe? De um perigo muito grande,

“... Essas pessoas que vinham do interior para onde era que iam? Se já eram paupérrimas, né? (...) Não sabiam, às vezes, o sobrenome.”

sabe? Inclusive a bomba de cobalto, porque entra até esse negócio de atômico, bomba atômica.

Entrevista -- Radiação?

Heloísa Juaçaba -- Radiação. E radiação é um perigo. Então o Haroldo conseguiu essas máquinas todas com auxílio do doutor Waldemar, com a importância dele como político lá... Só sei que ele equipou, equipou um lado do terreno todinho para justamente a maquinaria todinha de tratamento do câncer. Bem, aqui tinha só uma casinha, viu? (indica num papel) Tô contando a vocês a história todinha, como é que é. Não sei se tá interessando...

Entrevista -- Não, é interessante.

Heloísa Juaçaba -- E então ele equipou tudo e depois operava as pacientes no Hospital de Cirurgias.

Entrevista -- No ICC?

Heloísa Juaçaba -- Não. Fica vizinho ao Hospital do Câncer, mas pertence a Universidade Federal do Ceará, sabe? Porque tem muito intercâmbio

entre a Universidade Federal e o instituto. E então ele disse assim: "Olha, Heloísa, eu só falto me acabar de pena porque, por exemplo, uma cirurgia que nós passamos seis, sete horas fazendo essa cirurgia nessas pessoas, nesses indigentes -- ele só opera indigente lá na Faculdade de Medicina, que ele é professor de Técnica Cirúrgica. E então ele disse que via aquelas pessoas... Quando chegava no quinto dia a pessoa tinha que abandonar a casa, porque tinham outras pessoas pra serem operadas, né? Então, essas pessoas que vinham do interior para onde era que iam? Se já eram paupérrimas, né? Absolutamente indigentes. Não sabiam, às vezes, o sobrenome. Então, o Haroldo ficou preocupadíssimo, porque elas ficavam... saíam... Não sabe aquela ponte que passa assim por ali perto da..."

Entrevista -- João Pessoa?

Heloísa Juaçaba -- Dali da Maternidade Escola, né? Por ali assim.

Entrevista -- Sei.

Heloísa Juaçaba -- Pois bem, saía de uma cirurgia, quer dizer, da mais alta delicadeza, e ficava sentada ali comendo o que davam. Quer dizer, sem higiene, sem nada. Você imagina... Aí eu fui olhar um dia. Quase fico louca. (Ri nervoso) Fiquei louca! Eu digo: "Haroldo, pelo amor de Deus, não é possível. Então nós vamos fazer o seguinte: perto do instituto ainda tem muita casinha -- baixinha. Aí eu aluguei logo seis casinhas pra botar essas pessoas que eu vi sair de lá pra poder ter um conforto. Uma redinha, um banheiro e um fogãozinho pra poder... Botar uma pessoa, uma mocinha... Isso tudo de graça, né? Era só... porque todo mundo que trabalha com câncer é..."

Entrevista -- Voluntário.

Heloísa Juaçaba -- É voluntário. Aí as mocinhas todinhas disseram assim: "Não, dona Heloísa, não tem importância não. Nós vamos fazer... Eu cuido dessa casa, essa outra cuida dessa, dessa..." E assim ficou. E ficamos, melhoramos a situação perigosa. Quando eles estavam bem, nós dávamos a passagem de volta pro interior.

Entrevista -- Foi aí então que a senhora começou a se envolver profundamente com isso?

Heloísa Juaçaba -- Foi. Profundamente com isso. Foi. Antes eu trabalhava...

Entrevista -- Botaram a senhora pra presidente do Conselho Feminino. Como é isso?



Heloísa diz admirar imensamente o trabalho do marido, pelo exemplo de vida, ética e paixão pela carreira.

Sua sensibilidade aguçada a levou ao trabalho com os doentes de câncer. Por isso concentra esforços no cargo de presidente da Rede Feminina do Instituto do Câncer do Ceará.

A Fortaleza de sua juventude foi sacudida pelas novas aspirações no campo das artes. Daí surge a (SCAP), da qual participava atuante.



Heloisa foi diretora do Departamento de Cultura da Prefeitura de Fortaleza, da Casa Raimundo Cela e membro do Conselho Estadual de Cultura.

Além disso, organizou o Museu de Arte da UFC juntamente com Flávia Teixeira, que foi seu primeiro professor de pintura.

Foi uma das idealizadoras do Museu da Emcetur, para o qual doou uma jangada em tamanho natural, com areia e tudo.

Heloisa Juaçaba -- Não. Eu vou dizer... Como eu tinha começado tudo, né? Então, depois eu tinha uma equipe que... porque sempre tem aquelas igrejinhas... não são igrejinhas não. Mas aquelas pessoas que se interessam mais pra trabalhar perto da gente, e trabalhar seriamente, né? Com boa vontade. Eu tinha assim muitas amigas e nós escolhemos uma equipe bem harmoniosa e começamos a trabalhar e fazer festas maiores, que desse mais condições financeiras. E depois dos anos eu disse: "Olha, Haroldo, isso é pouco pra gente manter esse pessoal." Porque cada ano aumentava, né? Aumentavam os doentes, "E isso é pouco e nós precisamos fazer..." Então eu fiz uns carnês que grandes amigos, os comerciantes, garantem a manutenção dessas enfermarias. Então, desse outro lado aqui, eu fiz uma campanha pedindo dinheiro. Ah, meu Deus, a coisa pior do mundo é a gente pedir dinheiro aos outros, mas a gente bota a alma lá em cima e tem que fazer, né? Quando foi depois de uns quatro anos que a gente tava com essas casinhas alugadas eu disse assim: "Haroldo, é tudo tão pobre, a gente não pode nem... Eu não posso trazer uma pessoa que me dá esmola maior pro câncer porque eu não tenho coragem de mostrar essa enfermaria, dizer que é uma enfermaria que cuida dos doentes, quando a casinha só falta cair, né?" São umas casinhas pobres e ele disse assim: "Realmente, Heloisa, isso não é possível, não sei o quê..." Eu digo: "Então nós vamos fazer uma campanha." Aí fizemos uma campanha, seríssima. Aí eu falei no jornal, o Haroldo falou e tudo que nós precisávamos, que os indigentes precisavam de umas enfermarias... E então, só sei que com seis meses, sete meses, nós estávamos inaugurando oito enfermarias (risos) — seis para mulheres e duas para homens. E está lá. Uma verdadeira maravilha. Aqui desse lado (indica no papel) fica todo o instituto e toda a maquinaria. Aqui tem o terreno imenso que vai ser construído o Instituto do Câncer e aqui, desse lado então, "tão as minhas enfermarias e aqui, no fim das enfermarias, tem a quimioterapia, que é uma coisa indispensável em certos casos de câncer, sabe? A quimioterapia. E assim nós 'tamos... Eu vivo hoje assim maravilhada da vida porque tô segura de que eles não me faltam, né? Esses amigos. Me dão através de carnês... Eu nem pego no dinheiro. Eu mando o carnê e eles mandam para conta do câncer, né? E eu fico tirando por mês o necessário pra manutenção. E fora as esmolas

que dão, né? Tem gente que dá cem lençóis.

Entrevista -- Dona Heloisa, e nesse trabalho na Rede Feminina do Instituto do Câncer, a sua Arte entra em algum momento?

Heloisa Juaçaba -- Não. Não entra em nada. Em nada. Só entra quando eu faço uma exposição de pintura, que eu peço meus amigos, né? No momento de mais aflição, então eu peço. Aí eles me dão, cada um, um quadro, eu faço a exposição, a gente vende e o dinheiro fica rendendo pra eu tirar mensalmente, pra manter de uma maneira mais... Eu vou dizer uma coisa a vocês: elas têm um tratamento igual ou melhor do que qualquer hospital daqui do Ceará. Tudo. Até a laranjada é pura, pura, às 9 horas da manhã. É pura. Não entra uma gota d'água. Nada, nada. Tudo é alimento da melhor qualidade. Isso é que é. Tudo... Elas são muito bem tratadas.

“Ah, meu Deus, a coisa pior do mundo é a gente pedir dinheiro aos outros, mas a gente bota a alma lá em cima e tem que fazer, né?”

Entrevista -- Então, sua Arte serve mais como elixir pra senhora esquecer?

Heloisa Juaçaba -- É. Exatamente isso. Demais. É a melhor... Assim, acho que foi o prêmio que Deus me deu. Às vezes eu penso assim... que eu sou pintora porque... pra poder compensar a Medicina do Haroldo. (risos) Pode crer. É um negócio sério.

Entrevista -- Vamos aproveitar então e falar um pouco do doutor Haroldo no sentido de... A senhora passa um sentimento de amor, de carinho muito grande, na relação de vocês.

Heloisa Juaçaba -- É. Muito grande.

Entrevista -- Por que é isso assim? Eu não sei nem se eu tô conseguindo expressar direito a pergunta... (risos)

Heloisa Juaçaba -- É o caso da criação de Arte. É tudo por amor, né? Mas é uma coisa que ele chega... Por exemplo, aqui ele não fala, nós não

falamos em Medicina aqui em casa. Nós falamos muito pouco. A não ser um caso que preocupe a ele, né? Mas nós não falamos, nem comentamos não. Porque é pesada. O assunto é pesado, né? E ele sente demais. Aí pronto, aí eu começo a falar em Arte e mostrar as coisas que eu recebo e os livros, as coisas maravilhosas que a gente tem. Tem livro que eu não tenho tempo de ler, só falto morrer porque não tenho tempo de ler. Leio uns trechos ali pra não perder aquele livro. Leio muito, todo tempo, todo tempo é lendo, porque a gente sempre tem muito o que fazer.

Entrevista -- Então vocês têm um relacionamento próximo muito grande...

Heloisa Juaçaba -- Muito. Muito. Olhe, eu vou lhe dizer uma coisa com muita sinceridade: pode ter casal feliz ou então igual; mais feliz é impossível. (risos)

Entrevista -- Nós achamos muito bonito o fato de a senhora não ter aceito fazer a entrevista na terça-feira porque é o dia que teria pra ficar com ele em casa.

Heloisa Juaçaba -- (riso) Pois é.

Entrevista -- Mesmo depois de 42 anos de casada, né? Que a senhora falou. A gente ficou: "Puxa-vida, depois de tanto tempo ainda tá preservando esses momentos...!"

Heloisa Juaçaba -- Isso aí mesmo... (riso prolongado, meio encabulada) Tudo que eu faço ele acha que é uma maravilha... (risos) Ah, é engraçadíssimo!

Entrevista -- E vice-versa, né?

Heloisa Juaçaba -- E vice-versa. É. Eu acho jóia.

Entrevista -- E vocês continuam se incentivando muito um ao outro. Ele continua lhe incentivando nas Artes Plásticas?

Heloisa Juaçaba -- Muito. Muito. Muito mesmo. Muito. Aqui, não sei se vocês conheceram o Byron Queiroz. O Byron Queiroz era a primeira pessoa assim que ajudava, orientava o Tasso Jereissati, sabe? É um homem muito culto. Ele trabalhou muito tempo com o J. Macedo. Foi um grande empresário. Ele trabalhou muito com empresários do Sul e isso abre uma visão muito grande pras pessoas, não é? A gente ter convivência com pessoas inteligentes... É a coisa melhor que pode existir no mundo é ouvir papo com uma pessoa inteligente. E o Byron Queiroz tinha essas qualidades todas e ele era a primeira pessoa do Tasso.

Então, ele mora aqui nesse edifício, lá no décimo. Não! O décimo é o meu. É no décimo-sétimo. Não: décimo-quarto andar. E ele vai muito nos Estados Unidos com esse problema daquela dívida externa, né? Porque ele fala inglês e francês como quem fala português. E o Ciro levava ele, sabe? Bem, aí quando foi um dia, o diretor -- isso é a coisa mais bonita que eu acho. Quer dizer, (gargalha) é a glória da minha realização artística. Eu tenho outras coisas pra contar, umas coisas que não deviam acontecer no mundo, mas aconteceu... -- e então... eles vinham subindo no elevador, o Haroldo, o presidente do Banco Mundial em Washington -- o Banco Mundial, a sede é em Washington --, que é o dono do dinheiro do mundo. É o único. Tudo, tudo, tudo é lá. Dizem que tem um subterrâneo de 25 andares pra baixo, né? É uma coisa incrível, né? Porque a Inglaterra toda, todo mundo diz, por exemplo, é ocada. Porque a Inglaterra toda, se você vê... A gente vai comprar assim uma coisa cara na Inglaterra não é em vitrine, no meio da rua, não. Você desce, você tem uma informação. Você desce, tem uma chave especial que vem uma pessoa lá de baixo... A gente desce quatro, cinco andares pra comprar uma peça lá em baixo. (risos) Vocês já foram lá?

Entrevista -- Não. (Risos)

Entrevista -- Então, dona Heloisa, a senhora tava falando...

Heloisa Juaçaba -- Sim. Pois bem. É o caso, né? O Byron tava com ele, com o presidente, e então o Byron conversando disse assim, ele disse assim: "Como vai, dona Heloisa, artista..." Não sei o quê, isso, aquilo e aquilo outro... E ele disse mesmo assim: "Byron..." -- que o Haroldo fala inglês muito bem, né? Ele disse mesmo assim: "Mas essa senhora, que mora aqui no dez (décimo andar) -- que eles tavam ali na parada --, é aquela que fez..." Esse quadro aqui que eu vou mostrar a vocês... Não dá pra, não dá pra... Esse quadro aqui tem três metros e meio de comprimento por um e quarenta de altura, viu? Vocês ficam olhando aí que eu vou... Margarida! (Heloisa se levanta para falar com a empregada, enquanto nos deixa a fotografia do quadro de que falava.) Ele disse mesmo assim: "Olha, dona Heloisa, eu simplesmente, eu andei no Brasil e não... eu queria levar para o meu escritório uma paisagem brasileira. Porque eu tenho de um pintor americano, e tenho de um pintor europeu paisagem européia, e paisagem americana. E eu me apaixonei pela

Amazônia e pela vegetação daqui -- porque o Byron andou com ele por aí, numa serra e tudo -- e eu queria levar... vou levar esse quadro!" Aí eu disse assim (rindo): "Bem, o quadro pertence aos condôminos, né? (Ele permanecia no hall de entrada do prédio em que mora Heloisa.) Porque eu tinha vendido o quadro porque não cabia, não tinha uma parede pra esse quadro, né?" E aí ele disse assim: "Não. Não é problema não. Eu vou com o Byron nesses..." Eu só sei que com meia-hora todo mundo tinha dito: "Não, é importante pra dona Heloisa um quadro desses em plena... (riso) no escritório, né? ...na sala de conferências do Banco Mundial ter um quadro desses. Ave Maria! É um orgulho!" E então só sei que com duas horas esse quadro já tava embalado pra ir embora. (risos prolongados) Ave Maria!!! Agora, o melhor foi isso, viu? O melhor então... Quando foi um dia, o Ciro foi aos Estados Unidos, depois de bem seis meses, ou quatro ou cinco meses

“Quando eu estudei com o Floriano Teixeira eu fui muito influenciada pelo Cubismo e que ainda hoje, até hoje, permanece na minha alma.”

-- eu tirei da moldura e ele foi enrolado, porque não poderia haver... de maneira nenhuma, né? Eu tirei a moldura do chassi tudinho. Ele foi enrolado e levado... E foi um processo lá pra poder pintar o chassi... Menino, olha é um romance tão interessante que eu acho que eu tinha vontade de escrever esse texto pra poder deixar... porque tem passagens gozadíssimas --, mas então o Ciro foi lá com o Byron mesmo. O Byron é o intérprete, né? Aí o Ciro olhou assim pro quadro e então o presidente do Banco disse assim: "Senhor governador, o senhor não está conhecendo?" (gargalhadas) E o Ciro disse assim: "Não. Não estou. Não sei quem é. Não sei se é brasileiro..." -- "Olha, o senhor está reprovado. Não é possível! (risos) Esta artista é dona Heloisa Juaçaba, que faz uma natureza, assim, assim, assim..." Olha, fez o maior elogio do mundo. O Ciro quase morre de vergonha. (risos) Olhe, mas ele disse

assim: "Olhe, dona Heloisa -- ele me contando -- eu tive realmente uma vergonha muito grande!" (risos)

Entrevista -- Ele mesmo contou pra senhora?

Heloisa Juaçaba -- Foi. (risos) Aí, meu Deus do céu, foi uma graça! Mas aí, quando foi um dia, lá no CDL (Clube dos Diretores Lojistas) -- aliás, amanhã vai ter um negócio muito importante no CDL... Por isso que eu digo, hoje tá tão desenvolvida as Artes no Ceará que eu vou lhe dizer: todos os bancos estão interessados em fazer um tipo uma coleta biográfica de todos os artistas daqui. E então eles estão fazendo isso, edições belíssimas... E vão fazer daqui do Ceará por que eles estão fazendo... -- eu vou mostrar já-já a vocês -- porque realmente as Artes Plásticas tão tomando outro rumo agora, outro rumo. Basta ver que o prêmio de amanhã do CDL é um prêmio de viagem à Europa, o que nunca aconteceu, né?

Entrevista -- Quer dizer que a iniciativa privada tá valorizando...

Heloisa Juaçaba -- Muito. Tá muito interessada.

Entrevista -- Mais do que o poder público, né?

Heloisa Juaçaba -- Muito mais. Mas, tá muito mais. Muito. Muito. Tem ajudado demais. Porque o CDL, você sabe, é o Clube dos Diretores Lojistas, aonde estão os maiores industriais. E então é interessante, né?

Entrevista -- Dona Heloisa, e falando ainda de arte, dessa relação humana muito rica em emoções... Tem algum trabalho seu especificamente -- só pela sua casa já dá pra gente ver que a senhora é uma apaixonada por todas as Artes -- mas tem algum trabalho seu especificamente que a senhora não vende, nem troca, nem dá?

Heloisa Juaçaba -- Tem. Todas as fases dos meus trabalhos eu guardo um que eu considero muito bom, entendeu? Que eu considero assim o melhor. Aquela figura acolá (aponta para um quadro seu, com a figura de uma mulher, que fica na parede da sala de estar) é um trabalho meu...

Entrevista -- A que tá embaixo?

Heloisa Juaçaba -- É. O que tá embaixo. Quando eu estudei com o Floriano Teixeira eu fui muito influenciada pelo Cubismo (escola) e que ainda hoje, até hoje, permanece na minha alma. Eu faço uma paisagem sem a terceira dimensão. A terceira



Ao terminarmos a entrevista, Heloisa fez um verdadeiro tour pelo seu apartamento, nos mostrando e explicando a história de cada peça.

Um dos momentos que mais emocionaram Heloisa foi quando nos mostrou uma santa portuguesa, cujos donos anteriores escreveram a mesma mensagem num papel e o colocaram dentro da santa.

Nesta hora, ela chorou e riu, aproveitando a situação para explicitar seu conceito de que a arte é eterna: "as pessoas morrem, mas a arte fica".



A equipe deixou o apartamento da artista plástica já perto das 7 horas da noite, impressionada com as peças de arte popular.

dimensão é a distância, né? Quando você vê aqui uma coisa assim (gesticula aproximando e distanciando as mãos), não vai estreitando assim? Eu não faço isso nos meus quadros. Eu vejo a distância simplesmente como se estivesse isso aqui. (Bate na mesa, querendo dar noção de realismo.) É o estilo cubista. É uma coisa interessante. Eu vou lhe mostrar como é que é. Como são os detalhes. Vamos tomar a coca-cola, depois vamos até meu atelier pra ver como é que é assim só um detalhezinho.

Entrevista -- Dona Heloisa, a gente viu também que em outras fases, a senhora utilizava muito as cores, não é?

Heloisa Juaçaba -- É.

Entrevista -- Sempre cores muito fortes, muito harmônicas e tudo. E nessa fase agora a senhora tá utilizando muito o branco, é uma coisa mais limpa, mais luz.

Heloisa Juaçaba -- É.

Entrevista -- Isso reflete algum momento especial que a senhora tá passando? (Heloisa passa um copo de coca-cola.) É um momento pessoal? Ou que trouxe a senhora pra essa maior limpeza, né?

Heloisa Juaçaba -- Clean, né? (risos)

Entrevista -- É. Clean.

Heloisa Juaçaba -- Como dizem aí os grã-finos, né? Não. É porque eu cheguei a uma conclusão quando eu tava utilizando o cadarço do punho da rede. Eu botei depois o quadro assim em pé, porque ele tem que ser feito assim (Heloisa se debruça sobre a mesa para indicar sua utilização ao invés do cavalete), porque eu fiz uns ferrinhos próprios pra enfiar o cadarço no capex perfurado, né? Então eu enfiava assim. Então quando eu botei em pé o quadro, eu vi que, por exemplo, a distanciazinha que é -- não chega a ser meio centímetro de cadarço -- dava uma expressão diferente no quadro, sabe? E eu disse:

“Ah, isso daqui não serve com cores porque vai atrapalhar tudo.” Então eu pintei um quadro de branco e ele dá uma sensação exatamente de uma sombra, sabe? É justamente o problema da luz e da sombra nesses quadros. E ele não pode ser... porque ele perde... Eu fiz aí, botei um todo azul, mas ele não tem o efeito do branco por causa da sombra. Porque o escuro, na sombra escura não dá, né? E fica mais bonito no branco. Eu acho.

Entrevista -- Então, dona Heloisa, a entrevista foi muito boa. Eu acho que dá pra encerrar por aqui. Agora, a gente tem o maior interesse em ver o seu atelier.

Heloisa Juaçaba -- Ah, eu tenho o maior prazer. Eu não sei se deixei de dizer muitas coisas importantes, né? Não sei se... (pausa prolongada) Mas está que se eu ainda for fazer o Museu de Arte e Cultura Popular eu conto com vocês. (risos)

Entrevista -- Pode ter certeza. □